

ROMANCE-POEMA

ANDRADE FURTADO

O nome de José de Alencar, no plenário da Literatura Nacional, assumiu, sempre, lugar de inofuscável relêvo. Representou, mesmo, sem possível contradita, a chefia na campanha pela emancipação da nossa estilística vitoriosa, que Clóvis Monteiro, com a sua lúcida autoridade, denominou o Português da América.

Nisso vemos o grande mérito do líder da renovação da língua, dulcíssima e canora, em que mel com aroma se mistura, na bela metáfora de José Albano.

Por sua vez, Filgueiras Lima, em brilhante torneio, realizado na metrópole paulistana, externou o pensamento dominante, em nossos círculos intelectuais, sobre os créditos reconhecidos, inconfundíveis do imortal romancista conterrâneo.

A figura de José de Alencar, a maior organização de escritor do País, foi erguida, como dissemos, então, ao seu pedestal de honra.

Ainda nos primórdios da nossa atividade no magistério, como lente do Instituto de Humanidades, dirigido pelo saudoso professor Joaquim da Costa Nogueira, procurávamos inspirar nos alunos viva admiração pelo plasmador do idioma,

em moldes próprios, adequados ao ambiente exuberante do Nôvo Mundo.

Nas páginas da *Revista Escolar*, órgão daquele renomado educandário, onde demos os passos iniciais na profissão de escrever, inseríamos episódios narrados pelo ilustre filho de Messejana, para ressaltar a felicidade e o bom gôsto das cenas descritas pelo autêntico intérprete do gênio da raça.

José de Alencar era um cultor do Parnaso. Traçou, magistralmente, em tonalidades encantadoras, o livro, cujo centenário encheu, ainda agora, de vibração indianista e de calor ardente, os aplausos ao seu formoso epinício, dedicado à *Iracema*.

De um a outro extremo da Pátria, celebrou-se a efeméride augusta, com demonstrações de alto sentimento de gratidão e aprêço ao mais popular dos romancistas brasileiros.

Foi evidente o prestígio do concidadão ilustre que patrocinava, em Terra de Santa Cruz, as lãureas e vitórias das justas do Pensamento, no seio das instituições culturais contemporâneas.

É que, no seu delicioso estilo, timbrava em evocar as belezas naturais, os estímulos afetivos, os valôres cívicos, despertando na alma de tôda a gente as emoções mais profundas do coração.

Compôs José de Alencar, como demonstração do seu pendor lírico, algumas poesias, que atestam, em verdade, o enlêvo do seu estro.

Damos, como exemplo, "Ave-Maria", paráfrase da mais linda oração de louvor à Virgem Mãe de Deus.

*Ave, Maria,
Cheia de graça,
Em cada dia
Que vem, que passa,
Minha alma implora
A Vós, Senhora!*

*Convosco está
Sempre o Senhor
Que o pão nos dá,
Por vosso amor.
Nossa alegria
Vós sois, Maria!*

*Bendito é o fruto
Do vosso ventre.
Na terra eu luto,
Mas dá que eu entre
Com vossa guia
No Céu, Maria!*

*Amém, Jesus,
Em Vós gerado
Morto na Cruz,
Quando o pecado
Em nós remia,
Por Vós, Maria!*

Evidentemente, José de Alencar empunhava a lira com ternura, leveza e suavidade. Mas, para ser considerado favorito das Musas, não necessitava dedilhar a harpa, combinando a harmonia da forma com o metro e a rima, ao bafejo do talento.

Compondo, há cem anos, o primoroso livro, tido como peça digna de figurar entre as melhores da nossa aristocracia literária, escreveu, com punho de rendas, um romance-poema, como já está denominado *Iracema*.

Foi, porventura, êste trabalho de arte do mais fino quilate que conquistou para o conspícuo polígrafo cearense a fama de ser reconhecido, em tudo o que produzia a sua pena de ouro.

A maneira de delinear a composição revelava o homem, em quem Araripe Júnior via, com a sua argúcia de crítico, um membro da fidalguia literária brasileira.

Nêle, segundo o citado comentarista, tudo respirava numa atmosfera de reserva e o *não me toques no arminho*.

Soube, com elegância e galhardia, numa polêmica a que o arrastara José Feliciano de Castilho, sustentar os pontos de vista da diferenciação da nossa linguagem, segundo as exigências do meio, a que não se ajustava o velho rigor clássico.

A êle cabe, também, ao lado de Gonçalves Dias, no julgamento generalizado dos observadores competentes, a primeira plana — para usarmos a expressão de Fausto Barreto — no movimento que, do jugo do classicismo, libertou as letras brasileiras.

É êste o vulto que consagra o nome da gleba, onde nasceu, e que domina o panorama da vida mental do nosso povo.

A novela centenária bem merece a perpetuidade da sua ressonância, através dos tempos.

No conceito veraz de Luís da Câmara Cascudo, nenhuma possuirá a moldura da paisagem, a sonoridade verbal envolvente, a movimentação humana da obra-prima incomparável!